

Apresentação

DOSSIÊ AMBIENTE E SOCIEDADE

Rylanneive Leonardo Pontes Teixeira¹

Zoraide Souza Pessoa²

As primeiras discussões a respeito da questão ambiental surgiram no final da década de 1960, quando os sociólogos não dispunham de nenhum arcabouço teórico nem corpo empírico que os orientassem na perspectiva de trabalhar as relações entre natureza e sociedade (FERREIRA, 2005). Esta autora pontua que foi a partir desse período que o tema passou a ocupar as agendas governamentais, as organizações internacionais e os movimentos sociais. Nesse período, já se salientava sobre a importância de resguardar o meio ambiente das atividades antrópicas, que buscavam satisfazer suas necessidades individuais sem pensar na sociedade em sua coletividade (HARDIN, 1968).

É nesse cenário que vários segmentos da sociedade começaram a se preocupar com as questões que envolvem o meio ambiente. No campo da produção científica e acadêmica, a relação entre a Sociologia e a questão ambiental dá surgimento, mais especificamente no final dos anos 70, à subdisciplina Sociologia Ambiental, que assume papel crucial no que cerne às interações entre sociedade e meio ambiente, seja este natural ou construído (FERREIRA, 2005).

Os pioneiros nesses debates foram Catton e Dunlap (1978), com estudos que “ficaram demarcados como a corrente dos ecologistas radicais por estarem fortemente influenciados pelo movimento ambiental conservacionista” (PAEHLKE, 1989 *apud* PESSOA, 2012, p. 14). Todavia, a Sociologia Ambiental extrapola as abordagens desses estudiosos a partir da década de 1990, quando sai do âmbito da escola sociológica norte-americana e passa a ter novos olhares sobre a modernidade (PESSOA, 2012). Nesse

¹ Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do Laboratório Interdisciplinar Sociedades, Ambientes e Territórios (LISAT)/UFRN. E-mail: pontesrylanneive@gmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Políticas Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar Sociedades, Ambientes e Territórios (LISAT)/UFRN. E-mail: zoraidesp@gmail.com

sentido, destacam-se os estudos das teorias de Modernização Ecológica (por exemplo, Mol e Spaargaren, 2000) e Sociedade de Riscos (como Beck, 2010).

Durante aproximadamente as cinco décadas de sua existência, a questão ambiental tem se configurado em tema-chave nos debates internacionais e nacionais dentro das reflexões da Sociologia em função de suas evidentes reverberações sobre a população. No Brasil, tem-se destacado com trabalhos nessa perspectiva estudiosos como José Pádua (1987), Leila Ferreira (1998) e Henri Acselrad (2009), que abordam a problemática socioambiental numa vertente interdisciplinar. Precedidos pelos trabalhos desses estudiosos, muitos são os pesquisadores que, atualmente, têm olhado o meio ambiente de modo integrado e associado à sociedade, buscando apreender as relações existentes entre eles.

É nesse sentido que temos esta edição na revista *Abordagens*, um periódico científico do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Com uma trajetória ainda que inicial no campo da produção científica brasileira, podemos considerar a *Abordagens* como um importante espaço científico e acadêmico, no qual tem suas abordagens, teóricas e empíricas, voltadas para a Sociologia e áreas afins. Nesse viés, apresentamos, nesta edição, quatro artigos inéditos. Eles pretendem discutir sobre as interações entre ambiente e sociedade de forma interdisciplinar, de modo a contribuir para a Sociologia Ambiental e suas interfaces.

No primeiro artigo, intitulado “ENTRE MONTANHAS E DORES: a dependência da mineração e a vivência do desastre em Mariana – MG, Brasil”, Jéssica Lorrany de Jesus Silva, graduada em Ciências Socioambientais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), versa acerca do desastre socioambiental que atingiu Mariana/MG a partir do rompimento da barragem de Fundão. A autora traz como elementos centrais de abordagem a dependência econômica da cidade com a mineração e o processo de vivência de sua população pós-desastre. Utilizando-se de pesquisas bibliográfica e documental, relatos de experiência e análise de declarações públicas a respeito do desastre socioambiental de Mariana, a autora nos mostra, com seus resultados, que o processo extrativista ultrapassa o território da empresa Samarco Mineração S. A., responsável pela barragem, e cria teias de dependência moral, política e econômica. Ademais, os resultados demonstram que o desastre deixou muitas marcas à população de Mariana, que ainda convive com as consequências físicas, econômicas e psicológicas desse evento.

Em seguida, Givanilton de Araújo Barbosa, mestrando em Antropologia Social pela UFPB, analisa com seu texto “PRÁTICAS EDUCATIVAS E SOCIOAMBIENTAIS EM UMA COMUNIDADE ATINGIDA POR BARRAGEM” as mudanças socioambientais locais, o ambiente escolar enquanto convívio comunitário e os modos de vida em reassentamento a partir de oficinas em sala de aula que foram mediadas por narrativas orais de 54 discentes de uma escola municipal de uma comunidade localizada nas margens do Rio Paraibinha, na Paraíba (PB). Levando em consideração a condição de “atingidos por barragem” para seleção do *lócus* de sua pesquisa, a análise do autor conclui que foram perceptíveis mudanças socioambientais e nos modos de vida dessa comunidade com o processo de reassentamento, visto que as famílias e a comunidade escolar passaram a conviver com ressignificações de seus modos de vida, principalmente quanto à educação ambiental, cultural local e geração de trabalho e renda para manutenção de sua reprodução social. O autor possibilita ainda, com seu estudo, uma percepção analítica sobre a comunidade reassentada e a questão ambiental no âmbito escolar em questão.

Em seguida, temos o artigo “ÑANDE REKÓ: um diálogo entre o conhecimento tradicional e o uso de recursos naturais pelos Guarani Mbyá, na Reserva indígena Ribeirão Silveira em Bertioxa – SP”, de autoria de Jaqueline Cabral Alves Dornelas, doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); e Milena Ramires, professora da Graduação em Ciências Biológicas e dos Programas de Pós-Graduação em Ecologia e Auditoria Ambiental da Universidade Santa Cecília (UNISANTA). Em seu texto, as autoras investigam o uso de recursos naturais e o conhecimento tradicional dos Guarani Mbyá, na reserva indígena Ribeirão Silveira em Bertioxa/SP. Ancorado em uma metodologia de natureza qualitativa, fazendo uso de entrevistas semiestruturadas com 326 adultos da comunidade, as autoras nos mostram que os Guarani Mbyá vêm intervindo e utilizando dos recursos naturais para fins de subsistência (alimentação e moradia, por exemplo), tendo sua cultura transformada em virtude de seus modos de vida que estão relacionados com o entorno onde vivem.

Para finalizar esta edição, trazemos a contribuição de Solange Cabral Alves, também doutoranda em Ciências da Saúde pela UNIFESP; e Milena Ramires, professora da Graduação em Ciências Biológicas e dos Programas de Pós-Graduação em Ecologia e Auditoria Ambiental da UNISANTA. Com o título “TEKO ARANDU: a relação entre cultura e hábitos alimentares dos Guarani Mbyá da Aldeia Indígena Ribeirão Silveira em

Bertioga – SP”, as autoras analisam como os Guarani Mbyá, da reserva indígena Ribeirão Silveira em Bertioga/SP, obtêm e consomem seus alimentos, visando compreender os aspectos culturais envolvidos nesses hábitos alimentares. Utilizando-se de uma pesquisa qualitativa por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas com 326 adultos da comunidade, as autoras pontuam que a caça e o consumo de carne são tidos pelos indígenas mais idosos como práticas alimentares tradicionais prediletas, enquanto que os mais jovens têm aversão a esses tipos de práticas. Com isso, as autoras concluem que os Guarani Mbyá atravessam um processo de mudanças sociais, ambientais e culturais de modo gradativo e preocupante, influenciado pelas populações não indígenas através de tecnologias de comunicação e que tende a ser acentuado durante as próximas gerações.

Estamos certos que os textos que compõem este número possibilitarão novos estudos sobre as relações entre ambiente e sociedade. Agradecemos a oportunidade de contribuir com a produção científica brasileira no campo das questões socioambientais. Boa leitura a todos!

Referências

- ACSELRAD, Henri *et al.* **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond. 2009.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- CATTON, W. R. Jr.; DUNLAP, Riley E. “**Environmental Sociology: a new paradigm**”. *The American Sociologist* 13, 1978, p.41 - 49.
- FERREIRA, Leila da Costa. **A questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.
- FERREIRA, Leila da Costa. A centralidade da interdisciplinaridade nos estudos sobre ambiente e sociedade. **Política & Sociedade**, Florianopolis, v. 4, n.7, p. 185-201, 2005.
- HARDIN, Garrett. The tragedy of the commons. **Science**, v. 162, n. 3859, p. 1243-1248, 1968.
- MOL, Arthur P.J.; SPAARGAREN, Gert. Ecological modernisation theory in debate: a review. **Environmental politics**, v. 9, n. 1, p. 17-49, 2000.
- PÁDUA, José Augusto. **Ecologia e Política no Brasil**. Editora: Espaço Tempo, 1987.
- PESSOA, Zoraide Souza. **A metrópole periférica: identidade e vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Natal-RN/Brasil**. 2012. 276f. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.